ROBERTO VECCHI[1]

A ESTRATÉGIA DO AVESSO: AS RELAÇÕES DE DEBILIDADE E FORÇA NO PENSAMENTO DE EDUARDO LOURENÇO

The Strategy of the Reverse: Relationships of Weakness and Force in Eduardo Lourenço's Thought

Abstract

Eduardo Lourenço's theoretical gestures are discreet, but radical. If we consider some of the most obsessive critical constructions in his work, such as the concept of community - which he expands to Europe and also, by an active analogy, to Portugal or other problematic subjects - a reflection emerges on the de-empowerment of the concept of force, precursor to a broad international discussion. Eduardo Lourenço's thinking in this sense, in the case of the community considered, is part of a vast debate on the deconstruction of power that is very close to the thinking of contemporary philosophers involved in an indirect dialogue, in particular Giorgio Agamben and Jacques Derrida. This develops, albeit indirectly, Saint Paul's idea that power is realized in weakness, which returns particularly in Walter Benajmin's thesis n.2 of "On the concept of history". The idea of a constituent im-power as a force that disrupts structures thus leads to an approximation of the community imperfection, shaped by Eduardo Lourenço weak

[1] Università di Bologna. Orcid Id: 0000-0001-5982-0810; Ciência Id: 9317-7B17-712D; email: roberto.vecchi@unibo.it

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a5

and sublime, that deconstitutes the most rigid configurations of power and finds its exemplary case study in the complexity of Portugal.
Keywords: Weak force, Portugal and Europe, Community, Counter-sovereignty, Mythology

Resumo
Os gestos teóricos de Eduardo Lourenço são discretos, mas radicais. Se considerarmos algumas das construções críticas mais obsessivas da sua obra como por exemplo o conceito de comunidade - que amplia depois a Europa e também, por uma analogia ativa, a Portugal ou a outros conjuntos problemáticos - emerge uma reflexão sobre a despontecialização do conceito de força precursora de uma ampla discussão a vir. O pensamento de Eduardo Lourenço neste sentido, pelo caso da comunidade considerado, inscreve-se num vasto debate sobre a desconstrução do poder que se aproxima muito do pensamento de filósofos contemporâneos implicados num diálogo indireto, em particular Giorgio Agamben e Jacques Derrida. Este desenvolve, ainda que indiretamente, a máxima de São Paulo de que a potência se realiza na debilidade, o que retorna em particular em Walter Benjamin na tese 2 de *Sobre o conceito de história*. A ideia de um im-poder constituinte como força que desestrutura leva assim a uma aproximação da imperfeição comunitária, débil e sublime de Eduardo Lourenço que desconstitui as configurações mais engessadas do poder e encontra, na complexidade de Portugal, o seu caso de estudo exemplar.
Palavras chave: Força débil, Portugal e Europa, Comunidade, Contra-soberania, Mitologia.

Um ensaio famoso de Simone Weil , «L'Iliade ou le poème de la force», de 1940, mostra um aspeto menos visível da crítica também literária (e do pensamento crítico, por sua vez): a força permite reconfigurar o sentido de uma obra como o poema homérico. Além de inovar o papel da leitura que se tornaria assim um sismógrafo das relações de força a que ninguém se subtrai, inclusive pelo contexto perturbado em que ocorre o exercício da crítica (em pleno conflito bélico).

Para Weil , na reflexão sobre a força há uma conjugação entre a tragédia ática, a epopeia e o Evangelho (obras todas inscritas no «espírito da Grécia»[2]) porque mostram a força na «sua fria dureza» mas também «os efeitos funestos a que não foge quem a usa ou quem sofre». E o pensamento da justiça «mais de um ser ferido da degradação do destino, é oferecido à admiração»[3].

Ao recuperar estas considerações neste texto radical e inovador e, em certos pontos, também enigmáticos, adianto que, a meu ver, o ensaismo de Eduardo

[2] S. Weil, «L'Iliade poema della forza» em *La Grecia e le intuizioni precristiane*, Borla, Torino 1967, p.38.
[3] Ibid.

Lourenço (para usar um nome singular e cumulativo dum conjunto que mais heterogéneo e caótico não poderia ser, por opção constitutiva) baseia-se sobre uma permanente interrogação do Professor em torno das relações de força com a inclinação a privilegiar idealmente o lado mais frágil, mais esvaziado e precário destas relações.

Um exemplo macroscópico desta atitude crítica (que se desenvolve em torno de variados objetos, não casuais mas atentamente eleitos) inscreve-se numa das travessmestra na configuração do ensaio dorsal do *Labirinto da saudade*, «A psicanálise mítica do destino português», quando articula a ideia crucial do «irrealismo» português através da dualidade consagrada da «fragilidade ôntica» (como a geográfica, como Portugal orla da Europa e não só) e a «força ontológico-identitária» pelo papel providencialista do passado[4].

É uma definição pela força que plenamente inscreve Lourenço num debate muito amplo sobre a condição contemporânea da articulação da força, em partícula sobre o papel crucial desempenhado pela força débil, a força sem poder, que se carateriza por uma atenuação, um esvaziamento, uma força que tal resta mas (im)potente, quase um oximoro do contemporâneo, sobretudo uma ferramenta eficaz para repensar na soberania e no poder.

Lourenço entra no debate sempre lateralmente. Mas instala-se dentro da constelação, que assume a debilidade como uma potência paradoxal de um poder impotente e efetivo.

É de fato muito difícil que o pensamento do Professor adira a uma genealogia construída e proponha variações sempre dentro de um horizonte convencionado. Eduardo Lourenço capta os debates e os problemas e depois os desenvolve a partir de um caminho próprio e singular.

Para apreciar as tangências do pensamento de Eduardo Lourenço portanto, é sempre oportuno articular uma dupla genealogia e ver como elas se aproximam e afastam ou como Lourenço depois, com uma liberdade crítica ilimitada e incondicionada, articula as mesmas questões dentro de um quadro próprio (e muito português, diga-se de imediato).

O texto matricial do uso recursivo da força débil no pensamento crítico contemporâneo tem um centro irradiador famoso: a tese 2 de *Sobre o conceito de história* de Walter Benjamin. Um filósofo, diga-se de passagem, que tem um comum notável com Eduardo Lourenço, desde a morfologia fragmentária até partes constitutivas do pensamento. Cito aqui o ponto focal da tese benjaminiana, na tradução de Sérgio Rouanet:

> O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. (…) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações

[4] E. Lourenço, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, 5ª ed.Dom Quixote, Lisboa 1992, p.155.

> precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma *frágil* força messiânica [eine *schwache* messianische Kraft mitgegeben] para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso[5].

Sobre as fontes musaicas de Benjamin da frase em questão, podem-se formular mais hipóteses, ou seja, é impossível imputá-la a uma origem única. Terá a ver com o contexto paulino-cristão da *kénosis*, do esvaziamento de Deus na encarnação cristã ou da tradição da cabala lurianica, em particular do que se chama *Tzim Tzum*, a correspondente contração da luz divina na base da criação do universo. Doutrinas que influenciaram muito o pensamento secularizado do messianismo.

Também Giorgio Agamben, nas conclusões de *O tempo que resta*, dedicado às conexões profundas entre os pensamentos de Paulo de Tarso e Walter Benjamin, formula uma interpretação a partir em particular do fato que o adjetivo «débil» (*schwache*) no manuscrito de Benjamin é datilografado de modo espaçado, modalidade tipográfica vicária do itálico e que, sempre de acordo com o filósofo, remete para a leitura «palinséstica da citação»[6]. E a citação em jogo seria aquela famosa do passo da segunda Epístola de São Paulo aos Coríntios (12, 9-10) em que se afirma «Quando estou débil, então sou forte ('dyantós')», que corresponde ao texto da tradução neotestamentária que Lutero faz da Epístola paulina (onde constam ambos os termos, *Schwache* e *Kraft*) e que Benjamin mostra conhecer muito bem[7].

É importante assinalar que «débil» se carrega de uma conotação inversa, de força associada ao contexto messiânico que emprenha a subversiva visão da história benjaminiana.

Jacques Derrida, numa crítica frontal aos conceitos de soberania ligada à biopolitica elaborada por Giorgio Agamben, recorre à figura de Benjamin da «força sem poder». Em particular, nas duas palestras sobre a universidade, «Incondicionalidade ou soberania» (proferida em Atenas em 1999) e «A universidade sem condição» (apresentada em Stanford em 1998[8]), Derrida elabora uma visão onde os dois elementos, de incondicionalidade e soberania, são indissociáveis mas ao mesmo tempo exigem uma distinção uma da outra[9], o que possibilita a desmontagem do

[5] W. Benjamin, *Sul concetto di storia*, Gianfranco Bonola e Michele Ranchetti (eds.) Einaudi, Torino 1997, p.22 (texto cotejado com W. Benjamin, *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política*, *Ensaios sobre literatura e história da cultura*, Brasiliense, São Paulo 1987, p.223).

[6] G. Agamben, *Il tempo che resta. Un commento alla lettera ai Romani*, Bollati Boringhieri Torino 2000. p.129.

[7] Ibid.

[8] J. Derrida, *Incondizionalità o sovranità. L'Università alle frontiere della Europa*, Mimesis, Milano 2008 e Idem, Rovatti P.A. *L'università senza condizione*. Raffaello Cortina, Milano 2001.

[9] S. Regazzoni, *Biopolitica e democrazia*, Il melangolo, Genova 2012, p.55.

dispositivo da soberania.

A «universidade moderna» é aquela onde a liberdade incondicional, de pensamento, das ideias, de uma incondicionalidade hiperbólica e impossível, se pode realizar sem soberania, questionando os fantasmas dos Estado-Nacionalismos. Uma incondicionalidade que expõe uma debilidade e uma vulnerabilidade e faz emergir a impotência da universidade, a sua fragilidade perante o poder. No entanto, como acrescenta Derrida: «Sem poder não significa sem força. (…) A afirmação de que falo resta um princípio de resistência ou de dissidência: sem poder mas sem debilidade. Sem poder mas não sem força, fosse também uma certa força na debilidade»[10].

A soberania assume assim uma forma «absoluta e hiperbólica, ao limite impossível»[11], o que faz considerar que o pensamento de São Paulo («a potência se realiza na debilidade»), mesmo que ausente de modo direto no texto, aja na construção desta reformulação de uma outra ideia de soberania, coerentemente com os últimos trabalhos do filósofo francês.

Isto permite depreender o sentido da força sem poder, vulnerável, de uma certa força na debilidade: será noutros contextos críticos, em obras como *Espetros de Marx* e *Marx & Sons*, onde Derrida cria, pela diferença e não a identidade, uma reflexão entre a débil força messiânica benjaminiana e a ideia de um «messiânico sem messianismo»[12].

Interessante notar que a análise de «incondicionalidade ou soberania» leva a identificar a universidade como o lugar chamado, a partir da debilidade, a preparar uma nova «responsabilidade política» dentro e fora da Europa e não «retirar-se atrás das fronteiras seguras de um campo, de um campus inofensivo»[13].

Poderíamos acrescentar que, apesar de todas as dissidências e diversidades, outros pensamentos também, como o caso de Agamben, ao encerrar o ciclo do «Homo sacer» com *L'uso dei corpi* (2014), ele identifica numa força ou potência de destituição («forza destituente», do termo duplo *Gewalt* de Benjamin) próxima da inoperância, uma das figuras sintéticas de um vasto percurso crítico sobre a soberania[14] (próxima, mas também ao mesmo tempo divergente e até em conflito com os pensamentos de Derrida e Laclau).

Este quadro preliminar, parcial e só esboçado, serve para entendermos melhor alguns movimentos menos vistosos, mas decisivos, do pensamento de Eduardo Lourenço como um pensamento da força da debilidade que mina na base uma visão do poder e de soberania convencionais e homogéneos.

Este aspeto é sensível em vários âmbitos (e creio que poderia proporcionar

[10] Derrida, *Incondizionalità o sovranità*, op.cit., p.44.
[11] Regazzoni, *Biopolitica e democrazia*, op.cit., p.58.
[12] Regazzoni, *Biopolitica e democrazia*, op.cit, p.61.
[13] Derrida, *Incondizionalità o sovranità*, op.cit., p.44.
[14] G. Agamben, *L'uso dei corpi. Homo sacer IV, 2*, Neri Pozza, Vicenza 2014, p 333.

um corte horizontal da sua obra) mas é particularmente visível quando Eduardo Lourenço trata de um tema bastante pervasivo na sua inexaurível interrogação crítica, heterodoxa e transdisciplinar: o tema da comunidade. É um tema ao mesmo tempo arqueológico e ontológico da obra do Professor dentro de uma vasta variabilidade temática.

Ao mesmo tempo, trata-se de um objeto, a comunidade, que mostra bem o *modus operandi* de Eduardo Lourenço que não é linear, mas de modo aparentemente assistemático avança e recua por acumulação.

Em 1949, a *Heterodoxia*, livro predominantemente filosófico e ligado à experiência da Universidade e do convívio com o Prof. Joaquim de Carvalho, é uma obra que pelo contrário funciona como um manifesto de ação intelectual de longo prazo. Por um lado, porque define um dos pilares da sua obra como um todo e de longa duração, a heterodoxia, por outro porque o primeiro ensaio, de uma ilimitada série, é «Europa ou o diálogo que nos falta». Ensaio importante, não só porque tece uma relação constitutiva entre a Europa e a outra comunidade implicada e naquele tempo dominada, Portugal, mas também porque coloca no centro um elemento constitutivo do comum laurenciano que é a figura do diálogo (com que realizará por exemplo algumas análises profundas sobre a ideia, também constitutiva, de impensado referido ao não diálogo de Salazar com o País e as gerações ilustradas de Portugal).

É curioso, à luz das conferências de Derrida sobre a universidade, que a incondicionalidade de pensamento, a liberdade de ideias é o fundamento de uma Europa que naquele tempo era longínqua e estranha: «a primeira e fundamental das exigências do espírito europeu é a liberdade. Fundamento concreto da possibilidade de actos humanos valiosos, a liberdade é a própria forma da existência humana quando pode dispor conscientemente dela mesma»[15]. Também acrescenta neste ensaio que prenuncia a voz madura a vir de um outro elemento seminal: o papel da literatura que «será tanto mais livre quanto mais literatura» (*Ivi*: 29) na construção do comunitário.

Já neste ensaio, há uma configuração de uma incondicionalidade (de pensamento, de representação de espaço comum) que pelo lado da fragilidade põe em crise a soberania da dominação e do poder.

A comunidade é um objeto que se carateriza não só pela sua possibilidade ou não de se identificar, mas também pela sua possibilidade de interrogar de maneira inter-geracional passados opacos. É o caso de uma comunidade da memória, por assim dizer, mas caraterizada por um diálogo perturbador: a comunidade Luso-Brasileira. O ensaio de 1959, «O mito da comunidade Luso-Brasileira», ou seja, do tempo em que Lourenço na Bahia, como professor de filosofia, mostra como a

[15] E. Lourenço, *Heterodoxias*, João Tiago Pedroso Lima ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, p.27 (Obras completas).

comunidade existe mas em virtude da sua natureza mítica. E é um mito de emanação portuguesa e «o mal do mito da Comunidade Luso-Brasileira é o de ser em si um mito frágil, o revestimento de uma nostalgia e não a promoção de uma realidade superabundante»[16]. Deste mito friável, descende também uma consideração mais ampla sobre a comunidade «o conceito de Comunidade [maiúsculo no original] pode ser evocado justamente como um conceito mediador, como ideia directiva visando uma unidade que se sabe inexistente mas que não é absurdo desejar que se estabeleça»[17], ou seja, não é mas esta uma impossibilidade absoluta porque se pode efetivar num horizonte próximo.

Tratar a comunidade como antes de tudo mitologia possibilita uma subtração a uma esfera de poder reinscrevendo-a como uma débil e sobrevivente impotência, de algo que problematicamente toma força.

O quiasmo figural de Portugal e Europa - fragilidade e força, atravessa em particular os ensaios dedicados a Europa, nos complexos trânsitos da história recente. E as analogias entre Portugal e Europa passam pelas debilidades, pelo lado da vulnerabilidade. Um enfraquecimento que se tornou ontológico, apesar das narrativas que subvertem retórica e irrealisticamente esta condição de gracilidade.

Num texto como «A Europa no imaginário português», do volume *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*, naquilo que é chamado do «não pensado da nossa aventura europeia»[18] o que se delineia é o perfil paradigmático da Geração de 70 e não só, que o que «verdadeiramente descobrem nela [na Europa], por ausência e por contraste, é, ainda e sempre, Portugal»[19]: uma sinergia que se estrutura por subtração, por enfraquecimento, não por excesso ou por forças. A comunidade, em particular a Europa, na sua singular coincidência com Portugal, ou seja, não aquela da vertente hegemónica, mostra uma incondicionalidade que mesmo sem força impõe repensar no fundo uma soberania que se conecta não pelo ângulo da força mas pelo seu avesso, da fraqueza, da gracilidade.

Um ensaio que ajuda a entender esta desmontagem que Lourenço configura não a partir unicamente de um pensamento crítico mas bem mais com as ferramentas de uma crítica histórica e sobretudo cultural, é aquele que encerra o volume, *A Europa desencantada*, «Da identidade europeia como labirinto», que já a partir do título prefigura um amplo lastro comum, entre Europa e Portugal, na figura do labirinto. A Europa desenhada é um sujeito de liberdade não condicionada nem condicionável mas que se assume pela sua escassa consistência, pela sua natureza predominantemente idealista. Nas palavras do Professor, «Culturalmente, a Europa e

[16] E. Lourenço, *Tempo brasileiro: fascínio e miragem*, Maria de Lourdes Soares ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 2018, p. 250 (Obras completas).

[17] Lourenço, *Heterodoxias*, op.cit., p.253.

[18] E. Lourenço, *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*, 2ª edição, Gradiva, Lisboa 2005, p.114.

[19] Ibid. p.106

uma constelação imaginária (…) A ficção-Europa precede a sua incarnação, a essência (virtual) a sua existência»[20] e mais ainda «a Europa, salvo como expressão geográfica, não existe como configuração histórica suscetível de qualquer significado *identitário*. Pelo menos para europeus. A não ser que víssemos nessa *oscilação identitárias* - ou melhor ainda na pluralidade de *identidades*- marca própria do fenômeno europeu, ou se se quiser, da excepção europeia»[21].

A Europa assume assim, pela sua permeabilidade Portugal também, um «destino» contrário àquele de uma construção identitária que tornaria a Europa uma "quase" nação. Melhor assumi-la a partir das multíplices diversidades que impedem a sua constituição e representação unitária, fora de um «europeísmo mítico», uma mitologia europeia. Mas esta fragilidade que pode torná-la subalterna a outras soberanias, se destaca pela sua debilidade exposta, pela sua força utópica e sem poder, pela sua poderosa impotência, ou nas palavras sempre de Lourenço pelo «triunfo da sua sublime não- identidade sobre os fantasmas da sua alucinada identidade»[22].

Emersão de um esplendor pelo avesso que encontraremos noutros conjuntos comunitários como aquele da CPLP, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que deveria não se prender nas dobras de um espírito comunitário suspeito pelas nódoas do passado imperial enquanto, como se diz, «hoje o que importa pensar é o discurso da sua imperfeição, o projeto de uma comunidade não só a construir, mas a desenvolver e, antes de tudo, na medida em que isso interesse aos que connosco partilham uso da língua portuguesa, a defender»[23].

A Europa assim pensada e imaginada é próxima da universidade em que pensa Derrida para lançar uma utopia capaz de gerar um novo pensamento não só crítico mas também político contra os niquilismos que alguns encontram no fundo de todas as soberanias.

É uma poética da força aquela que ao longo de décadas e de muitas desmontagens de poderes consegue esboçar. Como na poesia, o pensamento de Eduardo Lourenço, pelas palavras, re-equaliza pesos e medidas, as partes com o todo, os fragmentos com o projeto. E através dessa humilde e incondicional força sem poder, o Eduardo Lourenço do diário inacabado e autoreflexivo, «A casa perdida», redigido nalguns fragmentos no Brasil, em Dezembro de 1958, numa irredutível distância de qualquer pertença ou casa, pode observar, na sombra - como Benjamin- de Paul Klee: «As certezas passam, os sonhos ficam. São o desenho da nossa contínua consumpção. Pelas certezas acompanhamos a ruína do mundo. Pelos sonhos construímos as moradas imprevistas. Soube isso olhando Klee»[24].

[20] Ibid., p.234.
[21] Ibid., p.235.
[22] Ibid., p.240.
[23] E. Lourenço, *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da Lusofonia*, Lisboa Gradiva, 1999, p.180.
[24] Lourenço, *Tempo brasileiro.* op.cit., p.465.

Referências bibliográficas

Agamben, G., *Il tempo che resta. Un commento alla lettera ai Romani*, Bollati Boringhieri, Torino 2000.

— *L'uso dei corpi. Homo sacer IV, 2*. Neri Pozza, Vicenza 2014.

Benjamin, W., *Sul concetto di storia*, Gianfranco Bonola e Michele Ranchetti (eds.), Einaudi, Torino 1997.

— *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*, Brasiliense, São Paulo 1987.

Derrida, J., *Incondizionalità o sovranità. L'Università alle frontiere della Europa*, Mimesis, Milano 2008.

Derrida, J. – Rovatti P.A., *L'università senza condizione*, Raffaello Cortina, Milano 2001.

Lourenço, E. *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, 5ª ed. Lisboa, Dom Quixote, Lisboa 1992.

— *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da Lusofonia*, Gradiva, Lisboa 1999.

— *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*. 2ª edição, Gradiva, Lisboa 2005

— *Heterodoxias*, João Tiago Pedroso Lima (ed.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011 (Obras completas).

— *Tempo brasileiro: fascínio e miragem*, Maria de Lourdes Soares ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2018 (Obras completas)

Regazzoni, S., *Derrida. Biopolitica e democrazia*, Il melangolo Genova, 2012.

Weil , S., «L'Iliade poema della forza» em *La Grecia e le intuizioni precristiane*, Borla, Torino 1967, pp.11-41.